

Patrimônio imaterial e o turismo étnico em comunidade indígena, em Iranduba, Amazonas

Intangible heritage and ethnic tourism in an indigenous community, in Iranduba, Amazonas, Brazil

Danielle Mariam Araujo dos Santos¹

Joelma Monteiro de Carvalho²

Luciano Torres Tricárico³

Resumo - O trabalho apresenta uma visão sobre a cultura indígena expressa por um grupo étnico e a relação deste patrimônio com o turismo étnico. O objetivo do estudo foi analisar as expressões culturais indígenas na comunidade denominada de Sahu-Apé, localizada no município de Iranduba, na área metropolitana de Manaus, Amazonas-AM, como patrimônio imaterial e sua valorização diante da atividade turística. A pesquisa se caracterizou como descritiva e exploratória, de caráter qualitativo, tendo como principais instrumentos de coleta de dados o levantamento bibliográfico, observação direta e aplicação de entrevistas com perguntas abertas semiestruturadas. O resultado do estudo sinalizou que as expressões culturais, como patrimônio imaterial, os saberes tradicionais são produzidos pelo povo da comunidade Sahu-Apé e mostrou ser relevante a possibilidade como potencial para o turismo étnico. De rica mitologia, seus símbolos são marcadores da tradição cultural. O povo Sateré-Mawé desenvolve atividades turísticas e interagem naturalmente com o não indígena. Além de que, compreendem os impactos destas no seu cotidiano. Porém, para fortalecer o turismo étnico se faz necessário a criação de uma política de incentivo e promoção do turismo étnico, responsável, por meio da cultura.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial. Turismo étnico indígena. Territorialidade.

¹ Mestrado em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Graduação em Geografia pela UFAM. Doutoranda em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Professora Assistente na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no curso de Geografia. E-mail danielle.uea@gmail.com

² Mestrado em Letras e Artes pela Universidade do Amazonas (UEA). Graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutoranda em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: jcarvalho@uea.edu.br

³ Doutorado em Arquitetura pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Arquitetura pela Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Arquitetura pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria (UNIVALI), do Programa de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental (UNIVALI), do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo (UNIVALI) e dos cursos de especialização em Arquitetura e Design de Interiores (UNIVALI). E-mail: tricarico@univali.br

Abstract - This paper presents a view on indigenous culture expressed by an ethnic group and the relationship of this heritage with ethnic tourism. The goal of the study was to analyze the indigenous cultural expressions in the community called Sahu-Apé, located in the city of Iranduba, in the metropolitan area of Manaus, Amazonas, Brazil, as intangible heritage and its valorization in the tourist activity. The research was characterized as descriptive and exploratory, with qualitative character, and the main instruments of data collection were the bibliographic survey, direct observation and interviews with semi-structured open questions. The result of the study indicated that cultural expressions, such as: intangible heritage, the traditional knowledge is produced by the Community of Sahu-Apé and it showed to be relevant the possibility of being potential for ethnic tourism. With a rich mythology, the symbols are markers of the cultural tradition. The Sateré-Mawé people develop tourist activities and interact naturally with the non-indigenous. In addition, they understand their impacts on their daily lives. However, in order to strengthen the ethnic tourism, it is necessary to create a policy that encourages and promotes responsible ethnic tourism using the culture.

Keywords: Intangible Heritage. Indigenous ethnic tourism. Territoriality.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo traz uma análise sobre patrimônio imaterial em uma comunidade indígena no entorno do município de Manaus, no estado do Amazonas, Brasil envolvendo o turismo étnico, como difusor da cultura. Assim, esse estudo teve como objetivo analisar as expressões culturais indígenas na comunidade Sahu-Apé, que na língua Sateré-Mawé significa “casa do tatu”, localizada na Estrada AM-070 (Iranduba / Manacapuru), no Km 37, área metropolitana de Manaus, AM, sendo possível potencial para o turismo étnico, na promoção da diversidade e da identidade cultural dos comunitários.

Como aportes teóricos para a construção deste artigo, elegeu-se os estudos de Van den Berghe (1992); Haesbaert (1997); Little (2002); Muñoz (2003) dentre outros, que refletem sobre cultura imaterial, por garantir os costumes, modo de vida, memórias e experiência de grupo. Assim, as palavras memória e patrimônio, em espaços étnicos compõem representações típicas de cada povo.

O turismo étnico indígena cada vez mais ganha relevância como destinos turísticos no mundo e em especial na Amazônia, pois possui característica histórica e geográfica peculiar, se comparada a outros destinos. As atividades turísticas em comunidades amazônicas podem ser interpretadas a partir de dois olhares distintos, um do desenvolvimento econômico e da revalorização do patrimônio cultural, e outro, do impacto negativo com as mudanças das expressões culturais indígenas para atender ao público visitante.

Neste contexto, o estudo buscou responder à seguinte questão: como a atividade turística interfere na afirmação da identidade e na revalorização do patrimônio cultural na comunidade indígena Sahu-Apé, Iranduba, Amazonas? Assim, duas hipóteses podem ser apresentadas neste contexto, a primeira é de que a atividade turística na comunidade Sahu-Apé, estimulada por meio de diversos órgãos públicos, fez com que os moradores resgatassem ou revalorizassem suas expressões culturais e ao mesmo tempo alcançaram autonomia financeira. A segunda hipótese é de que elementos da cultura indígena tiveram que ser adaptados ou modificados para atender aos interesses dos visitantes.

Nessa direção, é sabido que as expressões culturais indígenas na comunidade Sahu-Apé, localizada no município de Iranduba, tem um patrimônio imaterial, por sua diversidade cultural, e que poderá gerar recursos, por meio das atividades turísticas que desenvolve no espaço. Por isso é relevante abordar para o potencial do turístico étnico na comunidade Sahu-Apé e as possibilidades de gerar para sua própria economia, por meio da tradição cultural que desenvolve.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O patrimônio cultural de uma região se consolida como a identidade de um lugar e de um povo. A atual definição oficial de patrimônio cultural imaterial é definida pela (UNESCO, 2006) de cultural imaterial – que se transmite de geração em geração, que é constantemente recriado pelas comunidades e grupos de sua interação com a natureza e sua história. Desta forma, carrega em sua cultura uma história construída através das vivências dos seus antepassados. As representações culturais são marcas deixadas pelo tempo, como lendas, grafismos, forma de caçar, forma de pescar, forma de se alimentar, dentre outros.

As tradições, asseguram a transmissão dos valores étnicos, sociais e culturais às novas gerações. Para Nora, (1993, p.9) “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”. Assim, de acordo com o IPHAN (2014), a patrimonialização das culturas tem como objetivo, assegurar que os conhecimentos culturais de um grupo ou comunidade sejam transmitidos de geração em geração e constantemente recriados por essas comunidades e ou grupos. Para Bosi (2003, p. 36) “a memória é uma força subjetiva que alimenta cada nação indígena”.

Na cosmovisão indígena, o meio ambiente se apresenta como meio gerador de vida, de harmonia com a natureza. Neste ambiente, o indígena interage com a “mãe natureza”, e ao deus Tupana. Este é um ser que todos têm um temor divino e angelical. Porém, a natureza, atualmente, também pode ser geradora de renda, pois é da floresta que são extraídas a matéria-prima para realizar o empreendedorismo dos artesanatos. Assim, Muñoz (2003) admite o meio ambiente faz parte do convívio da comunidade étnica.

Para adentrar à floresta, segundo os habitantes que nela convivem, é necessário estar em harmonia com a natureza, respeitando os elementos constituintes do espaço natural. As invocações aos animais acontecem como ritual dentro do espaço. Cada membro exerce uma função para a execução das tarefas (MUÑOZ, 2003).

Neste sentido, os povos indígenas do Brasil, do estado do Amazonas e, sobretudo, o povo Sateré-Mawé têm praticado as várias formas de ritualização em espaços urbanos e não urbanos, de forma a manter viva a memória dos seus antepassados, sinalizado por Carvalho (2019). Atualmente, os membros da comunidade Sahu-Apé, subsistem a base do cultivo da terra e das atividades turísticas, conforme reflexões de Santos (2015).

Nela há várias plantações para o sustento da família, e é do mundo natural, em convívio harmônico que a liderança procura manter às tradições pelos líderes caçadores e pescadores. Essas atitudes são consideradas patrimônio imaterial, pois gera sentimento e identidade deste povo.

O turismo étnico no contexto amazônico e concebido como promissor, tem acenado para um novo momento, pós-moderno, ou seja, é um espaço fértil a ser gerado no seio da sociedade indígena. Para Kunasekaran (2017) que o turismo permite aos grupos étnicos terem maiores benefícios econômicos, e ainda estimula as gerações mais jovens a permanecer nas comunidades, por permitir que tenham uma renda a partir de seu próprio modo de vida. Van den Berghe (1992, p.223) descreveu o turismo étnico como “uma forma de turismo onde a cultura o exotismo dos nativos é o principal atrativo turístico”. É gerado principalmente pelo interesse do turista por experiências culturais, com valor exótico praticados pelos turistas com interação com grupos étnicos.

Bahl (2009, p. 58) enfatiza que o turismo étnico se forma a partir dos resultados de “dois tipos de sentimento, sendo que o primeiro está ligado aos aspectos sociais, à cultura e a identidade; o segundo está ligado pelo meio de divulgação da existência de um grupo étnico”. Isto ocorre pela intenção de reconhecimento e integração intercultural, mundialmente.

Silva e Siqueira (2015, p.2), ao tratarem das territorialidades indígenas na Amazônia: reflexões sobre a (in)visibilidade através da conquista de direito, sinalizaram que houve um apagamento histórico dos povos indígenas. Sendo que a

invisibilidade dos povos indígenas e tradicionais no Brasil, durante mais de quatro séculos, foi de quase total apagamento ou esquecimento histórico. Este apagamento se deu desde o início da colonização, quando foi estabelecido a culturas europeia na Amazônia. Para elucidar esse fato, Carvalho (2019) enfatiza que a conquista da Amazônia, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, realiza-se sob o intenso processo de luta e disputa entre portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e holandeses, no qual os portugueses acabaram dominando-a, empregando os seus costumes não somente religiosos como também, outros costumes daquelas culturas.

As lutas pelo espaço amazônico marcam a história da região, vários povos migraram e buscam ocupar a terra que, originalmente pertencia aos nativos, considerados indígenas. Para Benchimol (2009) o processo de exploração colonial da Amazônia, os portugueses e seus descendentes contribuíram para perda significativa da cultura indígena. Segundo o referido autor tanto os portugueses como os espanhóis, durante o processo de conquista e ocupação, transplantaram e difundiram, de forma impositiva, a língua, a religião, os costumes, seus próprios valores simbólicos e culturais, que se formou o que se conhece como cultura amazônica e cultura brasileira.

Para Haesbaert (1997) quando se trata de cultura imaterial, o espaço tem relação com o território e sua dimensão simbólica. A partir dela se constrói a identidade territorial de grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem. Little (2002, p.3) destacou que “a territorialidade é uma marca definida em qualquer grupo étnico. Isso reforça a construção da memória. (...) a territorialidade é uma força latente e se manifesta explicitamente envolve os processos histórico, sociais e políticos”. O domínio de um lugar, a forma como a natureza é domada e suas expressões nos artefatos e no uso dos recursos, denota a característica do pensamento dos moradores.

No que diz respeito a tradição de um povo Zuin e Zuin (2009, p. 80) conceituam que “a tradição está intimamente ligada à história de uma cultura”. Ela se manifesta por meio de valores, crenças e rituais transmitidos de geração a geração. Estes valores são ensinados diariamente na prática da caça, da pesca, nas festividades, nos rituais xamânicos, expressa na tradição cultural

Dessa feita, a partir das ideias desses autores, o território é o *locus* da expressão cultural do povo Sateré-Mawé, é no seu espaço que são coletadas as

sementes, as folhas, os animais e tudo aquilo que é utilizado de modo concreto na fabricação de bijuterias, artefatos e alimentos usados nestes momentos em que acontecem os rituais. Entende-se então, a importância do território como construção da identidade indígena, e como se configura em um elemento que atrai aos turistas por sua originalidade. Além de manter viva a tradição cultural, mesmo em áreas urbanas e metropolitana.

3 METODOLOGIA

A abordagem se baseou em uma pesquisa descritiva e exploratória, de caráter qualitativo, tendo como principais instrumentos de coleta de dados o levantamento bibliográfico, observação direta e aplicação de entrevistas com perguntas abertas semiestruturadas. Como procedimentos de pesquisa, foram utilizados artigos e publicações coletados na base de dados EBSCO e revistas de turismo.

As entrevistas foram aplicadas a três membros da etnia Sateré - Mawé, sendo o pedagogo da escola, o Pajé e a atual Tuxaua. Foram realizados registros fotográficos e o mapeamento por meio de GPS, de toda a área que compõe a comunidade, bem como o trajeto pela rodovia Manoel Urbano, saindo da capital Manaus até o local de estudo. Para a análise dos dados, aplicou-se a teoria de Bardin (1977), levando em consideração a análise do conteúdo, a partir das narrativas dos indígenas.

Para Creswell (2010, p.26) a pesquisa qualitativa visa explorar e entender o significado que os indivíduos e ou grupos atribuem a um problema social ou humano. O método qualitativo de pesquisa é aqui entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (MINAYO, 2013)

O processo da coleta de dados foi realizado na comunidade Sahu-Apé, após o consentimento dos líderes do espaço. Inicialmente foi realizado levantamento bibliográfico em livros, revistas científicas no meio digital com artigos publicados em base de dados na base de dados da plataforma EBSCO sobre turismo, por meio eletrônico. Com a técnica de observação foi descrito todo o espaço da comunidade,

dos elementos do território e da produção dos artesanatos com os elementos da natureza, bem como aplicadas entrevistas abertas semiestruturadas.

A população estudada foi constituída por 3 (três) líderes da comunidade, sendo o Pajé Sahu, o professor João e a professora Pinhan-hi, os quais receberam esclarecimentos prévios sobre o objetivo do estudo e, uma vez aceitando participar, foram agendadas as entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada membro.

Quanto ao aspecto ético os sujeitos tomaram conhecimento da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O objetivo foi obter dados históricos e culturais sobre o lugar e a formação da comunidade, além de saber como está organizado o espaço indígena.

O mapeamento do trajeto e da organização do espaço da comunidade foi apresentado a partir da confecção de dois produtos cartográficos no programa Quantum Gis 1.8. O primeiro apresenta o trajeto da saída de Manaus, no bairro Compensa, antes da Ponte sobre o Rio Negro até a comunidade Sahu-Apé, com a localização da mesma.

O outro produto foi o croqui da comunidade com a distribuição dos elementos construídos no espaço (casa dos moradores, escola, centro ritualístico, igreja, farmácia). Por meio da coleta audiovisual, com uso de câmeras fotográficas de 8 mpx foi possível registrar as pesquisas por meio de vídeos, fotos e gravação das entrevistas, posteriormente transcritas para fins de análise.

No que diz respeito a análise dos dados, o mesmo teve como referencial metodológico a análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), permite a análise de comunicações por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos que descrevem o conteúdo das mensagens. Logo, organizou-se as falas tendo como foco a enunciação dos discursos.

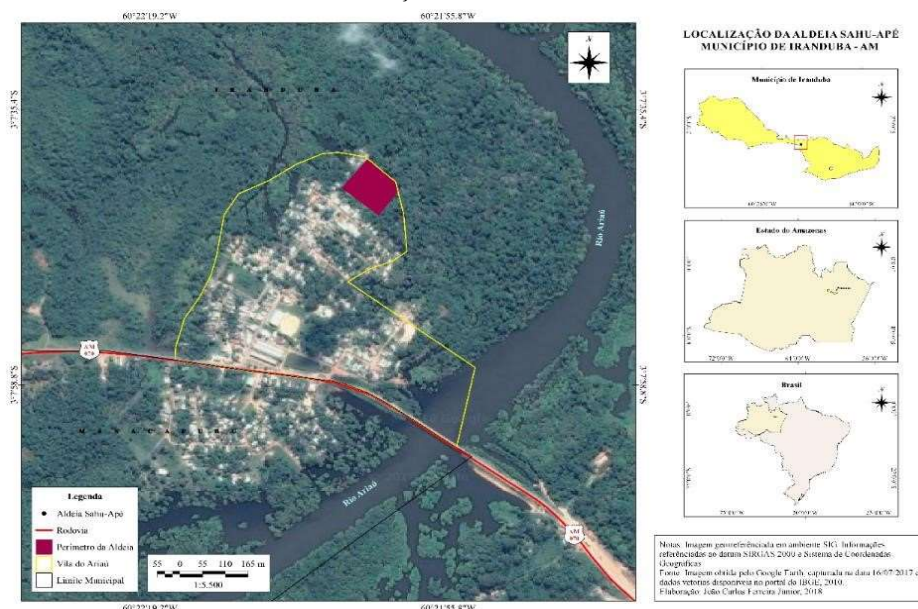
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em 1996 o município de Iranduba iniciou novo trabalho na produção de artesanato, tendo como principal aliado, os indígenas. “Naquela época ainda havia o hotel de Selva conhecido pelo nome de Ariaú. Ele era o ‘bambambam’, o hotel liderava o mercado turístico” lembrou o Sr. Sahu. Este falou ainda que, “um colar era

vendido por 100 (cem) euros”. Assim, ao longo do tempo, a comunidade foi se reorganizado para receber o turista. Nos espaços do turismo étnico, o desejo do turista é de vivenciar experiências junto aos indígenas, como conhecer o barracão, a escola e a farmácia indígena, (kunã).

A comunidade se mantém do comércio do artesanato e das atividades culturais que são disponibilizadas durante as visitas turísticas. Ela está localizada na Estrada AM-070 (Iranduba/Manaus), no Km 37, área metropolitana de Manaus, AM, conforme Figura 1.

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE SAHU-APÉ



FONTE: Elaborado por Ferreira (2018a).

Trata-se de um local, que se adentra, por via terrestre, ou de via fluvial, de fácil acesso, porém demanda de uma logística de transporte seguro e de equipamentos como sapato adequado do tipo botas, além de repelentes contra insetos ao turista. Além da estrada, pode-se chegar até a comunidade pelo rio Ariáú, de lancha ou uma canoa motorizada, chamada de rabeta. Nesta comunidade, por sua localização, no entorno de Manaus, é comum encontrar turistas à procura de vivenciar o turismo étnico, isto é, conhecer o espaço cultural indígena e a participar das práticas ritualísticas com os elementos nativos extraídos da natureza.

Na formação social da comunidade Sahu-Apé, em que a líder é uma mulher conhecida como Baku, um caso atípico, dentro da nação indígena. Para Nascimento

(2013) a líder Baku, uma Tuxaua⁴ de muitos saberes da tradição cultural, das terras indígenas (TI) às áreas urbanas, nunca deixou os trabalhos xamânicos usados com os poderes da floresta, das ervas e plantas medicinais. Os remédios, denominados de “caseiros”, são produzidos em prol da saúde física e mental dos seus pacientes. Ao visitarem a comunidade, os turistas tomam conhecimento deste saber popular, em busca de benefício próprio.

Dona de saberes ancestrais, a senhora Zelina da Silva Freitas (65 anos) foi a primeira mulher dentro da etnia a ocupar o cargo de Tuxaua. É uma referência feminina de muito poder e de determinação entre os indígenas Sateré-Mawé, área metropolitana de Manaus. Nascimento (2013) destacou que, a figura da mulher é compreendida como porta bidimensional (do bem e do mal), por onde toda a humanidade deverá passar para retornar à eternidade. Falecida em 2018, os Sateré acreditam que a senhora Zelina encerrou a sua passagem na terra e foi morar no “*nosoken*”, lugar espiritual sagrado.

A comunidade foi formada a partir da migração do Sateré - Mawé, das terras indígenas do rio Andirá, conforme figura. 1, na década de 1960, quando Manaus, estava em crescimento comercial, da Zona Franca de Manaus. O espaço territorial foi ocupado há mais de 20 anos, onde atualmente, residem 15 famílias do mesmo clã, isto é, do mesmo grupo indígena.

A trajetória de luta dos povos indígenas, em contexto pós-moderno, reafirma a necessidade de lutar pela sobrevivência em áreas urbanas e metropolitanas, de norte ao sul do Brasil. Nessas áreas, os indígenas se organizam em comunidades denominadas por eles de comunidades. A recriação do imaginário e a reinvenção da cultura é uma forma de induzir o consumidor de tal cultura. Para Canclini (2008) estes fatos geram mudanças em contextos híbridos, pois podem gerar novas performances, provocando novos conceitos, na cultura de um povo.

Os indígenas afirmam que boa parte das etnias vivem da produção do artesanato e dos costumes étnicos. Estes têm atraído turistas, que procuram vivenciar o cotidiano junto aos povos indígenas, além da buscarem também cura em espaços xamânicos. Carvalho (2019) enfatizou que, a produção do artesanato é feita a partir da tradição de símbolos típicos da etnia, como o “pombinho” e o puçá, que é um tipo de

⁴ Tuxaua é o líder da comunidade com função política e social dentro da organização.

sementes usadas em artesanatos, além da figura da formiga tucandeira e do guaraná. As peças de colares, brincos e pulseiras são preparadas com as sementes de puçá, waruru e chumburana, extraídas da região das Terras indígenas, as quais são sementes tipicamente empregadas por essa etnia.

Ribeiro (2000, p.152) destacou que “essas representações iconográficas têm um caráter mnemônico e estão profundamente enraizados nas vivências e nos enredos míticos tribais”. Apesar de todo esforço em manter viva a tradição cultural do povo eles lamentam pelo pouco apoio que tem recebido dos órgãos públicos do Amazonas. Sahu, o pajé, enfatizou que na semana dos povos indígenas, que acontece no mês de abril, é o período que atrai bastante turistas, oriundos do município de Manaus, formados de alunos da educação Básica, grupos de turistas e pesquisadores, além de turistas de outros países.

No segundo semestre do ano a comunidade inicia um período em que recebe muitos turistas intermunicipais, inclusive alunos, conforme discurso dos líderes da comunidade. O líder Ismael considera que a visitação “é bom que os alunos quebrem aquela imagem negativa do indígena”. Assim, de acordo com o discurso do líder, a comunidade está aberta à visitação, promovendo a interculturalidade entre os participantes. Nesta direção, é um processo de aproximação da comunidade com o não indígena, que segundo o senhor Sahu, pajé da comunidade, “atualmente, a comunidade recebe mais de 200 (duzentos) turistas por ano, sendo que semanalmente, a visitação se dá por alunos das escolas e por turistas brasileiros e estrangeiros”.

Durante as pesquisas de campo, constatou-se a presença de pessoas interessadas nos produtos produzidos pelos indígenas, tanto os terapêuticos, como dos artesanatos e em conhecer o Ritual da Tucandeira. Sahu enfatizou que durante a semana muitas pessoas chegam para visitar a Kunã (farmácia), na busca de cura física, mental e espiritual. Porém, com o fechamento do hotel Ariaú ficou mais difícil a comercialização dos artesanatos e das práticas culturais que eram oferecidas aos turistas. No entanto, a dificuldade financeira pela qual passam as comunidades indígenas faz com que eles se cooperem em busca de soluções, como foi o caso da comunidade Sahu-Apé. Eles vivem, principalmente, do artesanato e da produção cultural.

Bernal (2009, p.110) ao falar da necessidade de criar uma associação das mulheres artesãs Sateré-Mawé, enfatizou que “a Associação das mulheres indígenas Sateré-Mawé- AMISM surgiu pela necessidade de encontrar soluções de produção de renda, com intuito de melhorar a qualidade de vida para a etnia”. Este fato em áreas urbanas, e neste caso, no entorno de Manaus têm incentivado a continuar a produção do artesanato e realização dos rituais, como o Ritual da Tucandeira, ritual de cura, ritual do plantio, ritual das bebidas dentre outros.

A pesca e a caça são base alimentar deste povo juntamente com algumas bebidas típicas como o saa'kpó, o caxiri, o tarubá e a kaxiromba, que tem como elemento básico o guaraná, como também uma variedade muito grande de vinhos produzidos a partir de frutos da floresta, como açaí, taperebá, bacaba e patawá, destacou Nascimento (2013).

É bem visível o interesse dos povos indígenas, na busca espaços, para realizar o comércio dos artesanatos, bem como apresentação das cerimônias, dos rituais e de atendimento xamânico. Certamente, é louvável essas atitudes, pois fortalece a relação intercultural e híbrida. Logo, para viver longe de suas comunidades, onde tudo dependo do capital financeiro, se faz necessário buscar alternativas de sobrevivência, sem deixar que a identidade cultural se perca.

Segundo a narrativa do líder João, na produção do artesanato houve algumas adequações para atender a demanda da sociedade. Esta adequação é caracterizada por Canclini (2008, p.70) hibridização cultural, ou seja, “um processo sociocultural, nas quais estruturas ou práticas [...] se combinam para gerar novas estruturas, objetos e prática”.

O líder Sahu tem realizado um trabalho preventivo tomando algumas decisões, para a não descaracterização do povo, conforme destacou:

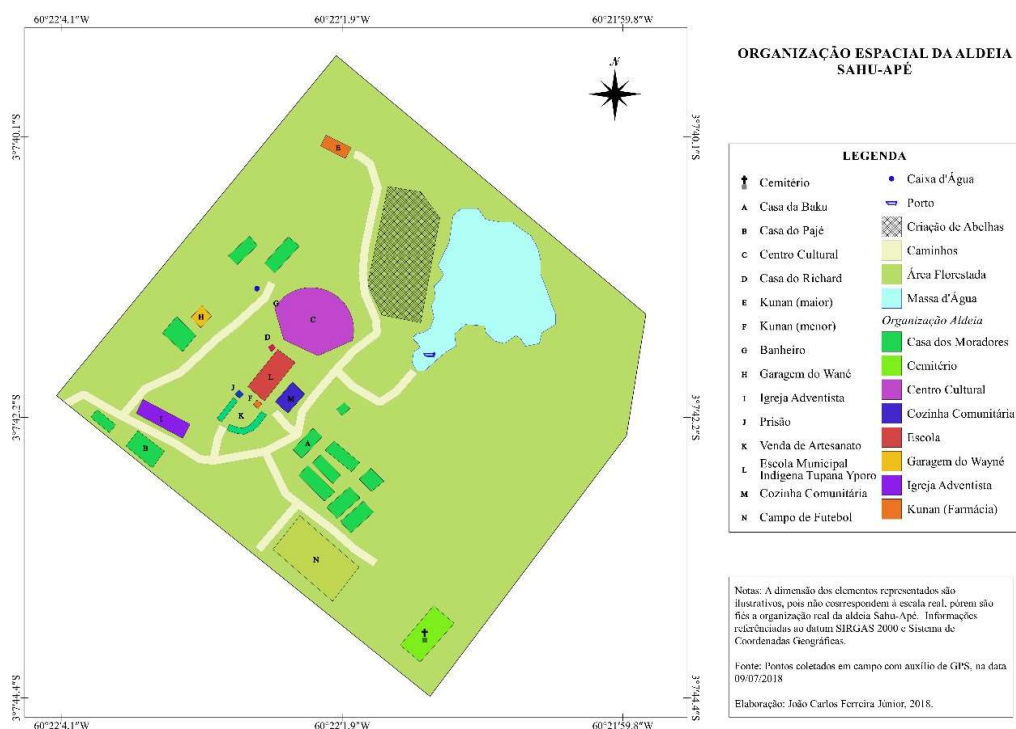
Não está acontecendo a descaracterização. O turista quando põe a mão na luva ele está valorizando a nossa cultura. Eles estão valorizando a cultura. Quanto as bijuterias houve mudanças nas peças, são mais trabalhadas, mais pensadas. Tem que atender os dois públicos, os jovens e os adultos, sem afetar nossas origens. (SAHU, 10/07/2018)

O discurso do líder da comunidade demonstrou que há uma preocupação em manter as características essenciais da cultura Sateré, expressa nos seus adornos típicos, tanto os de uso comum pelos moradores indígenas, quanto os comercializados

durante as visitas dos turistas. O universo da cultura imaterial do povo Sateré-Mawé é simbólico e está intimamente ligado aos espaços da Terra e aos elementos do Sol e da Água. Neste contexto não se pode separar os três elementos.

Então é na concepção de território que as classes e a qualidade de vida dos de seus habitantes se despontam. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence (SANTOS, 2003). A partir do empoderamento da terra, isto é, dos lotes adquiridos para residirem fora das terras indígenas (TI), percebeu-se que a organização do espaço foi estabelecida pela composição dos ambientes da floresta, da água, das plantações e de outros elementos representativos para os moradores da comunidade, conforme figura 2.

FIGURA 2 - ESPAÇOS ADAPTADOS COMO MARCADOR DE TERRITÓRIO



FONTE: Elaborado por Ferreira (2018b).

O território na análise do espaço geográfico se caracteriza como elemento de identidade, que transporta ao pertencimento a um lugar. Santos (2003, p. 96) destaca que “o território é o marcador da identidade de um povo. Logo, o território é a base do

trabalho, das trocas materiais e espirituais por ele vivido”. São nessas moradas que habitam o sentimento de pertencimento do lugar.

No cultivo da terra, o povo Sateré-Mawé são considerados os proprietários do Guaraná e possuem uma técnica para o plantio e cultivo do mesmo, sendo considerado uma bebida sagrada. No caso da comunidade em foco, eles permanecem com o cultivo das plantas medicinais, comparado ao um jardim da cura. Este denominado por Magnani (1999) como xamanismo urbano, compreendido como modalidade espiritual e terapêuticas (...) ou sacralização da natureza. Sahu informou que “o local desta terra da comunidade é uma terra boa, bem fértil. Toda a matéria prima, para a produção dos artesanatos e remédios, é retirada da comunidade, como mangarataia, ervas, mel de abelha e essências”.

Diante das contribuições, percebeu-se que, mesmo no entorno dos municípios de Iranduba e Manaus, as práticas da cultura imaterial ainda são avivadas na comunidade. Pois os residentes a cada dia são desafiados a buscarem novas possibilidades de conviver com outras culturas.

4.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As atividades turísticas na comunidade Sahu-Apé se iniciaram desde o ano seguinte do surgimento da comunidade, isto é, desde 1997. Nos primeiros anos aconteciam em parceria com os hotéis de selva das proximidades, como o “Hotel Amazônia” e com mais frequência com o “Hotel de Selva Ariaú”. Este último trazia nos seus tempos áureos, muitos turistas do Brasil e do mundo para a comunidade, e em parceria com as agências de turismo, eram apresentados os rituais para que os visitantes conhecessem o patrimônio material e imaterial deste povo. Na atualidade, a frequência das visitas dos turistas diminuiu bastante, tendo como um dos motivos a falência do hotel Ariaú. Além disto, a própria crise mundial repercutiu no número de viajantes nacionais e internacionais.

O turismo é hoje, na comunidade uma das mais importantes fontes de renda, pois há uma integração com algumas agencias e guias que agendam as visitas com os moradores, e nestas oportunidades há a apresentação dos saberes étnicos locais, como o modo de vida, o artesanato, as expressões culturais como a música e rituais. Apesar

de ainda acontecer quase diariamente, as visitas têm sido em menor frequência no local, devido ao fechamento do hotel Ariaú e a própria crise econômica mundial, que fez diminuírem as viagens nacionais e internacionais para a região Amazônica.

Tendo como elemento de análise duas vertentes sobre a influência do turismo na cultura Sateré na comunidade, podemos analisar que na comunidade estudada, os líderes têm organizado os eventos culturais de acordo com as necessidades dos turistas, para vivenciar momentos memoráveis junto a etnia. Dentre as expressões culturais que o turista tem interesse, é participar do ritual da Tucandeira, de momentos de cura, por meio de indicação do pajé, aquisição de ervas medicinais, pescaria e realizar a visitação no lago, para visualização de jacarés.

Na mosaico de imagem 03, vemos alguns espaços da comunidade.

FIGURA 3 - ESPAÇOS TURÍSTICOS DA COMUNIDADE (CABANA DE EXPOSIÇÃO DE ARTESANATO, ESCOLA E CASA DE REMÉDIOS)



FONTE: SANTOS, D. M. (2019)

Outro elemento observado foi a adequação das bijuterias normalmente usadas pelos indígenas como adorno, para que possam ser mais atrativas aos visitantes, e mais adequada ao consumo. Isso se efetiva por meio da mudança das cores das sementes, em uma pigmentação artificial e com cores fortes, e ainda, na preparação de medicamentos naturais em escala a atender aos visitantes.

A organização do espaço da comunidade também demonstra a evolução da atividade turística, como se pode verificar no trajeto simplificado, porém rico de informações que foi construído pelos moradores. Já na entrada um morador espera com um instrumento de sopro que emite um som da floresta, e em seguida, os visitantes adentram por uma pequena trilha, entrando no terreiro central da

comunidade. Inicialmente são encaminhados à farmácia onde são produzidos os medicamentos, lá as tradições e os simbolismos dos elementos dos remédios são apresentados aos turistas. O trajeto segue na visita ao centro de rituais, escola, área de vendas de bijuterias.

Em outra via, a atividade turística trouxe para a comunidade, uma alternativa de renda que tem ajudado para que os jovens não busquem trabalho na capital. Este aspecto positivo fortalece as relações familiares e melhora a qualidade de vida dos moradores, sendo então cada vez mais importante para a própria manutenção do lugar.

Os entrevistados relataram que não recebem apoio das agências de turismo do estado o que poderia potencializar esta atividade. A divulgação dos atrativos étnicos para o turismo é um dos grandes desafios, tendo em vista que na comunidade o acesso à internet é ainda muito precário. Além deste fato, divulgar em sites oficiais de turismo requer um processo longo de reconhecimento do local de visita, e a divulgação em escala maior, depende de recursos que a comunidade não dispõe, e que poderia ser feita pelo estado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrimônio imaterial é uma forma de manter viva a memória de um povo por meio das expressões culturais, sejam elas expressadas pelo seu modo de vida, pela língua e pelas tradições culturais, em que se estabelecem uma relação entre homem, ambiente e sociedade. O povo Sateré-Mawé tem atraído muitos pesquisadores em desvelar cada elemento que faz parte da rica linguagem da cultura deste povo.

O objetivo do estudo foi analisar as expressões culturais indígenas na comunidade denominada de Sahu-Apé, como patrimônio imaterial e sua valorização diante da atividade turística. O contexto do estudo permitiu o alcance do objetivo proposto, tendo em vista que a vivência das pesquisadoras na comunidade foi bastante ampla.

Neste sentido, pode-se afirmar que o turismo trouxe de volta alguns modos de vida já abandonados pelos jovens, e ainda potencializou as atividades culturais que a comunidade já realizava, porém sem muitos recursos ou sem a participação de outras pessoas. Apesar de que algumas destas expressões foram adaptadas para que

pudessem se tornar mais atrativas aos turistas, a sua essência permanece como patrimônio não somente desta comunidade estudada, mas da etnia Sateré-mawé.

Foi possível perceber pelas entrevistas com os participantes, que o universo cultural da etnia está entrelaçado numa relação sintagmática e paradigmática dentro de um universo cosmogônico, ancorada na visão de mundo, que está afirmada nas crenças, nos valores sociais, culturais e sobretudo na história dos antepassados, que construíram e deixaram o legado cultural para as futuras gerações, como os costumes, as festas, os cantos os rituais, as músicas, as danças, as comidas, os saberes, fazeres e formas de falar, dentre outros.

Quanto ao patrimônio imaterial, este tem sido mantido pela família Silva, líderes da comunidade Sahu-Apé. Mesmo com o falecimento da *tuxaua*, Senhora Zelinda da Silva Freitas, conhecida de Baku, os filhos tomaram à frente das atividades culturais, que a comunidade sempre oportuniza aos visitantes e aos turistas no município de Iranduba. As orientações deixadas pela matriarca *tuxaua* é que a comunidade permaneça cumprindo os valores étnico e cultural do povo em honra ao deus tupana.

Durante a pesquisa de campo, também foi possível perceber que, independente do turismo, sendo migrantes das Terras Indígenas (TI) para área metropolitana de Manaus, a tradição cultural ainda é muito presente na vida dos moradores. As crianças têm o hábito de brincar com animais, apreendem cedo a nadar, a pescar e a expertise de um guerreiro.

Anualmente, as práticas ritualísticas são ativadas e acompanhadas pelo *tuxaua* e pelo pajé. Assim, em contextos fora das Terras Indígenas e convivendo com o não indígena, os moradores da comunidade, realizam a prática dos rituais, seus cantos, danças, artesanato, vivendo da pesca, da caça e da agricultura. Logo, esses fatores são suficientes para desencadear o processo do hibridismo cultural, ocorrendo naturalmente a troca de saberes.

Diante disto, na questão de alteração dos produtos ofertados aos turistas, o artesanato tem ganhado uma nova forma, no ato de elaboração, a fim de atender à exigência do mercado, sobretudo do turista jovem. No entanto, os líderes da comunidade ressaltaram que o cuidado é de não deixar banalizar a cultura, afim de

garantir e manter viva, no seio da etnia os elementos representativos que compõe a cultura Sateré-Mawé.

Dessa forma, o conjunto de práticas realizadas na comunidade está ancorada em três pilares, o primeiro em manter viva a tradição cultural, a segunda por questões econômicas e por último, de estabelecer e socializar a cultura Sateré-Mawé, entre os não indígenas. É com este pensamento que a etnia, mesmo recebendo influências de contextos contemporâneos, por hibridismo cultural, vem resistindo ao seu tempo, primando pelos valores que receberam de seus ancestrais.

Nesta direção, necessita-se de investimentos políticos, que pode ser um fator limitante, para as questões do turismo étnico indígena, na garantia de valorizar a cultura imaterial, no âmbito da Amazônia, sobretudo no estado do Amazonas, que abriga o maior número de etnias do Brasil. Assim, firmar a permanência da tradição cultural, que a mesma, não se perca pelos modelos de mercado, que exigem do produtor novos tipos serviços.

Por outro lado, a pesquisa ao acenar para o potencial turístico que a comunidade Sahu-Apé apresentou, sugere o fortalecimento nas políticas públicas para os povos indígenas que migraram da Terras Indígenas para áreas urbana e metropolitanas. Notou-se que, a relação entre o estado e os povos indígenas caminham lentamente, este fato precisa ser sanado, por meio de diálogos.

Percebeu-se como limitação o fato dos entrevistados ainda desconhecerem o valor do patrimônio cultural, pois seus artesanatos são vendidos a um preço muito baixo, ou seja, o saber agregado precisaria ser valorizado. Logo, caberá aos órgãos públicos, apoiar e criar estratégias para a valorização dos saberes indígenas, em áreas urbanas, com a criação de Conselho Estadual, tendo como finalidade de discutir e elaborar política que resguarde o patrimônio imaterial das comunidades, em especial da Sahu-Apé.

Assim, sugere-se para as futuras pesquisas o acompanhamento das ações para salvaguardar os saberes das populações indígenas, bem como estratégias para fomentar o turismo étnico responsável, no estado do Amazonas, tendo como finalidade a garantia do sustento das famílias residentes em espaços urbanos. Então, acredita-se que, são desafios à frente, de muitos estudos que virão. Logo, este trabalho

não se esgota acerca do tema abordado, tampouco não exaure as possibilidades interpretativas provocadas ao longo do texto.

6 REFERÊNCIAS

BAHL, M. Dimensão Cultural do Turismo Étnico. In: ANSARAH, M. G. dos R.; PANOSSONETTO, A. (Org.). **Segmentação de Mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas**. Barueri, São Paulo: Manole, 2009. p.121-140.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: M. Fontes, 1977.

BENCHIMOL, S. **Amazônia, formação social e cultural**. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.

BERNAL, R. J. **Índios urbanos: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus**. Manaus: EdUA. 2009.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CARVALHO, J. M. **Ritual de passagem: das terras indígenas as áreas urbanas dos Sateré-Mawé**. Manaus: Editora UEA, 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes**. – 3ed. – Porto Alegre: ARTMED, 2010.

FERREIRA, J. J. Localização da Comunidade Sahu-Apé. Manaus, AM: UEA, 2018a. Dantun SIRGAS 2000 e SCG (Sistema de Coordenadas Geográficas), Escala: 1:100.000.

FERREIRA, J. J. Espaços adaptados como marcador de território. Manaus, AM: UEA, 2018b. Dantun SIRGAS 2000 e SCG (Sistema de Coordenadas Geográficas). Escala: 1:100.000.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUF, 1997.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Estatuto da Fundação Nacional Pró-Memória**. 1979. Disponível em: Acesso em: 22 dez. 2019.

KUNASEKARAN, P.; GILL, S.S.; RAMACHANDRAN, S.; SHUIB, A.; BAUM, T.; AFANDI, S.H.M., Measuring sustainable indigenous tourism indicators: A case of

Mah Meri ethnic group in Carey Island, Malaysia. **Sustainability**. v. 9 n.7, p. 1256, 2017.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, Brasília, n. 322, 2002.

MAGNANI, J. G. C. O xamanismo urbano e a religiosidade contemporânea. **Religião & Sociedade**. v. 20, n.2. p.113-140, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.

MUÑOZ, M. G. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, E. (org.) **A complexidade ambiental**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

NASCIMENTO, S. P. **Baku**: um Tuxaua na Amazônia. Manaus: EDUA, 2013.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, n.10, p.1-178, 1993.

RIBEIRO, B. G. **O índio na cultura Brasileira**. 3. ed. II série. Rio de Janeiro. 2000.

SANTOS, L. C. **Etnografia Sateré-Mawé**. Manaus: Fapeam/Valer, 2015.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2003.

SILVA, A.A.; SIQUEIRA, R.B. As territorialidades indígenas na amazônia: reflexões sobre a (in)visibilidade através da conquista de direitos. In: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2015, La Habana. **Anais...** La Habana: Universidad de La Habana, 2015. v. 1. p. 1-15.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial** - Paris, 2003. Tradução Ministério das Relações Exteriores. Brasília, 2006.

VAN DEN BERGHE, P. L. Tourism and the ethnic division of labor. **Annals of Tourism Research**, v.19, n.2, p.234-249, 1992.

ZUIN, P. B.; ZUIN, L. F. S. **Tradição e Alimentação**. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

Recebido em: 20-10-2019

Aprovado em: 13-03-2020